

Futebol, memória e relatos orais: a trajetória de ex-jogadores da Seleção Brasileira e as narrativas memorialísticas das Copas do Mundo FIFA, entre 1954 e 1982

Bernardo Borges Buarque de Hollanda*

Introdução

*[...] a contribuição da história oral é sempre maior
naquelas áreas pouco estudadas da vida social,
em que predominam zonas de obscuridade, seja
no estudo das elites seja nas grandes massas.*

(Alberti, 2013, p. 15)

O artigo a seguir apresenta resultados de um projeto de pesquisa coletivo e interinstitucional, cujo objetivo principal foi a constituição de um acervo documental para o Centro de Referência do Futebol Brasileiro (CRFB), no Museu do Futebol, equipamento público vinculado à Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo. A pesquisa compreendeu a gravação de cento e vinte horas de depoimentos de ex-futebolistas do selecionado nacional. Esses atletas, alguns deles em idade avançada, representaram o país em torneios internacionais, hoje megaeventos denominados Copas do Mundo.

* Professor-adjunto e pesquisador da Escola de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV-CPDOC). E-mail: bernardobuarque@gmail.com.

Tal evento, organizado pela FIFA (Federação Internacional de Futebol Associado), entidade privada centenária (1902-2012), reguladora das competições quadrienais entre equipes nacionais de futebol desde o ano de 1930 – quando se desmembrou dos Jogos Olímpicos, durante a sua edição de Amsterdã (1928) –, constitui na atualidade um dos acontecimentos esportivos de maior amplitude e reverberação planetário-comunicativa.

Enquadrada na escala dos megaeventos, graças a seu crescimento vertiginoso e espetacularizado, a Copa do Mundo tornou-se, a partir do último quartel do século XX, um empreendimento altamente rentável, levado a cabo por um intrincado arranjo econômico de instituições público-privadas e por uma complexa teia político-econômica que vai da esfera local à transnacional.

Uma vez aplicada, a história oral possibilita a criação de um *corpus* documental e vai ao encontro da constituição de um subcampo científico – a história, a antropologia e a sociologia dos esportes – que assistiu a um considerável incremento nas últimas décadas. A superação do impressionismo e do ensaísmo dos anos 1980 possibilita que a subárea vivencie hoje a consolidação de grupos de trabalho em associações de pós-graduação, encontros acadêmicos nacionais e internacionais, laboratórios regulares de estudo, centros universitários reconhecidos e uma produção sistemática de monografias, dissertações e teses consagradas à temática esportiva.

A utilização da história oral na área dos estudos sobre futebol encerra questões que ora aproximam ora distanciam as ciências sociais do universo do jornalismo, em particular do jornalismo esportivo, contra o qual a academia cultivou, durante muito tempo, um distanciamento crítico. Não se trata, por suposto, de negar a importância da produção jornalística, que hoje abunda em informações sobre uma gama de fatos, da escalação dos jogadores ao histórico das seleções, das tabelas dos campeonatos à estatística dos resultados etc.

A publicação de biografias, memórias, almanaques, enciclopédias e toda sorte de gêneros informativos sobre o mundo futebolístico é uma realidade inofismável, a confirmar aquilo que Tzvetan Todorov (2000) chamou de “abuso da memória”. À luz da academia, tal *abuso* constitui uma espécie de sintoma, capaz não apenas de fazer reviver a tradição dos antiquaristas de séculos passados, como de atender ao apelo das “ilusões biográficas” (Bourdieu, 1996) e das curiosidades que saciam o consumo de informações típicas da era informático-industrial do entretenimento.

Um sinal de que não se está isolado nesse processo diz respeito ao próprio *métier* acadêmico. Ao tratar da memória, a história oral tem também de lidar com essas fronteiras em outras áreas – educação, empresas, indústrias –, conforme reflete a pesquisadora Verena Alberti (1996) no artigo *Vender história? A posição do CPDOC no mercado das memórias*.

No caso dos esportes, a profusão de dados parece fazer prescindir da coleta de mais informações com atores renomados, alguns deles já entrevistados e biografados à exaustão. Nesse sentido, como se verá a seguir, o emprego da metodologia da história oral, por intermédio das histórias de vida e das histórias temáticas, possibilitou reconsiderar o pressuposto acima.

Sem descartar o diálogo com a produção do jornalismo esportivo, como se esta fosse um mero anedotário de somenos importância, não se deixou de ressaltar a importância da utilização de métodos de pesquisa, o que será evidenciado adiante, com a exposição da série de relatos de ex-jogadores e suas experiências nas Copas do Mundo de que participaram.

O método dialógico entrevistador/entrevistado e sua “cumplicidade prolongada” (Alberti, 2013) proporcionaram contribuições não somente para entender a trajetória de vida do jogador, em um quadro sociocultural mais amplo, quanto para rememorar detalhes diminutos da passagem do depoente pela Seleção Brasileira; aspectos em princípio anódinos que acabaram por colocar sob novo ângulo alguns lugares-comuns e determinadas versões consagradas pela imprensa esportiva a respeito das Taças do Mundo.

Um último ponto introdutório diz respeito à utilização da história oral na seara esportiva. Ela procurou se valer de experiências preexistentes no campo museal. Se o presente material foi concebido para compor o acervo de uma instituição pública, que integra a rede de museus da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo, o Museu do Futebol (2008), cuja existência é ainda precoce, a aprendizagem com a constituição de entrevistas feitas pelos Museus da Imagem e do Som, do Rio de Janeiro e de São Paulo, foi estratégica. Ela facultou a busca de um diferencial, por assim dizer, uma marca menos amadora e mais científica, para a consecução das entrevistas com os futebolistas de outrora.

Inovadoras e originais em seu tempo, as séries gravadas pelo MIS-Rio (anos 1960) e pelo MIS-São Paulo (anos 1970) não poderiam naturalmente se valer – nem estava em seu horizonte, nem era seu intuito à época – das técnicas e dos padrões internacionais que a história oral adotaria em uma fase posterior, conforme contextualiza José Carlos Sebe Bom Meihy (2000).

A inexistência de roteiro, a informalidade dos entrevistadores, a aleatoriedade da seleção de entrevistados, a presença de assistentes na plateia e o tom laudatório assumido em algumas situações foram aspectos detectados naquelas entrevistas do MIS de São Paulo e do Rio. Procurou-se contornar a improvisação todo o tempo no projeto em tela. O improviso e o caráter informal vão de encontro aos requisitos adotados para a construção de fontes orais na contemporaneidade. Estas se valem do procedimento serial e sistêmico idealizado para o acervo entregue ao Museu do Futebol.

O presente artigo focaliza uma investigação qualitativa, realizada com um total de 54 depoimentos com ex-futebolistas brasileiros que participaram das competições esportivas internacionais organizadas pela FIFA e denominadas Copas do Mundo. Se o objeto inicial são os percursos de vida dos atletas, vistos individualmente, a opção escolhida para este texto permite uma visão de conjunto que tem por epicentro a narrativa dos jogadores acerca das Copas do Mundo. Ela possibilita entender os acontecimentos e as conjunturas daquele evento esportivo quadrienal à luz das versões e das experiências particulares dos atletas.

A ampliação do escopo temático se justifica na medida em que as cinco dezenas de depoimentos dão subsídios suficientes à comparação e ao cruzamento das versões interpessoais acerca dos eventos relatados por cada jogador. Elas permitem agrupar os jogadores segundo as Copas de que foram protagonistas, experienciando de modo próprio cada um dos acontecimentos vivenciados, com o esclarecimento de que as descrições e as análises a seguir, ao focar a experiência das Copas, não possuem um caráter exaustivo, mas panorâmico e exploratório.

O conjunto dos depoentes: apresentação e recorte

[...] o 'passado', que para o pesquisador é uma questão a ser compreendida, para os depoentes é a vida vivida [...].

(Gomes, 1988, p. 8)

Conforme dito na introdução, a pesquisa consistiu na gravação de depoimentos dos atletas que disputaram as Copas do Mundo pela Seleção Brasileira de futebol, abrangendo as suas quase vinte edições, de 1930 a 2010. Logo de início, porém, os participantes brasileiros dos Mundiais do

decênio de 1930 (Uruguai, 1930; Itália, 1934; e França, 1938) tiveram de ser descartados, uma vez que não havia mais jogadores vivos desses torneios. A quarta edição da Copa, disputada no Brasil em 1950, igualmente não pôde ser aproveitada. Sendo assim, a primeira Copa a ser tematizada foi a da Suíça, em 1954. Como era previsível, por vicissitudes de pesquisa, a cobertura de uma edição do Mundial não podia ser cumprida de maneira integral. Havia jogadores que residiam em outros estados e alegavam impossibilidade de locomoção; existiam atletas com compromissos que preferiam postergar a data do depoimento; havia aqueles cujo contato telefônico era malogrado ou que viam com ceticismo a proposta; havia futebolistas que, simplesmente, não estavam dispostos a se expor, nem tampouco a recordar seu passado; por fim, alguns representantes do escrete nacional residiam no exterior, como o zagueiro Luís Pereira, o que inviabilizava a gravação.

Propôs-se assim um balizamento que pudesse sistematizar minimamente os torneios enfocados e cujo tempo de duração (120 horas) permitisse a sua abrangência. Optou-se pelo encerramento das entrevistas com jogadores participantes da Copa do Mundo de 1982. Como se verá adiante, tal recorte teve um caráter tanto técnico-operacional quanto conceitual, uma vez que a partir da Copa de 1986, no México, um novo fluxo de jogadores, um distinto perfil de pertencimento/recrutamento clubístico e uma diferenciada configuração social de jogador podem ser identificados.

O chamado “êxodo” dos atletas brasileiros para os clubes da Europa se intensificou na década de 1980 e é apenas o aspecto mais epidérmico a ser aqui acionado para demarcar a clivagem. Se a circulação já existia nos decênios anteriores (de Índio, da Copa de 1954, a Nelinho, da Copa de 1978), ela se torna mais sistemática à medida que os anos 1980 assistem ao seu ocaso.

Dessa maneira, o caráter serial da pesquisa foi definido em torno dos jogadores pertencentes às gerações que atuaram majoritariamente nos clubes brasileiros – com a prevalência do eixo Rio/São Paulo – entre 1950 e 1980, quando se fixa um “estilo nacional de jogo”, na esteira do Mundial de 1938, momento em que tal estilo é forjado e cristalizado no imaginário brasileiro.

A impossibilidade de entrevistar os remanescentes das Copas de 1938 e 1950 não impediu de perceber a repercussão de tais torneios na construção do que Ronaldo Helal chama de “nacionalismo quadrienal”. Na esteira da criação do estilo nacional de jogar, os anos 1940 e 1950 assistem à prevalência de negros e mulatos, alguns deles egressos de clubes nordestinos, sucedâneos

da primeira vaga do profissionalismo de Leônidas da Silva e de Domingos da Guia. Basta para isso evocar dois ídolos de então: Zizinho e Didi.

Seria o caso de indagar: trata-se apenas de uma questão de estilo? Segundo o antropólogo José Sérgio Leite Lopes (1999), mais do que isso, tratava-se de um efeito do insulamento ocorrido no arco do nacional-desenvolvimentismo brasileiro, entre 1930 e 1960: a limitada circulação dos brasileiros no exterior, condicionada às excursões das equipes durante as temporadas de férias dos campeonatos estaduais, somava-se aos restritos selecionados escalados a partir dos times-base dos clubes cujo treinador era concomitantemente técnico da Seleção Brasileira.

A exclusividade do técnico da Seleção só passaria a ter vigência a partir de 1982, quando Telê Santana ocupou o cargo, sem qualquer atrelamento clubístico. Assim, um técnico como Flávio Costa treinou a equipe na Copa de 1950 e, ao mesmo tempo, o Vasco da Gama, que veio a ser a base do elenco verde-amarelo.

Na mesma proporção, na edição seguinte, Zezé Moreira, do Fluminense, dirigiu o time brasileiro na Suíça, com vários jogadores do tricolor carioca, a começar pelo goleiro Castilho e pelo zagueiro Pinheiro. Mesmo que o plantel se consumasse com atletas de outros clubes – Corinthians, Portuguesa de Desportos –, o técnico procurava fazer valer o modo de atuação adotado no clube de origem, como a marcação por zona, adotada por Moreira na Copa de 1954.

De acordo com esse padrão de clubes nacionais, Santos e Botafogo configurariam o plantel das edições de 1958 e 1962, ao passo que questões de representatividade regional acirrariam as disputas pela escalação dos elencos nos anos 1960 e 1970, com a ascensão, por exemplo, dos times de Minas Gerais e do Rio Grande do Sul, decorrência do sucesso de Cruzeiro e Internacional, respectivamente.

A origem social dos jogadores e a dimensão espacial dos clubes nessa era de um decantado “estilo nacional de jogo” dão margem para um mapeamento do futebol praticado no país. Onde se localizava o chamado “celeiro de craques”, de que falava nos anos 1980 a antropóloga Simoni Lahud Guedes (1982)?

Do mapa inferido do conjunto de depoentes aqui abrangido, destacam-se o interior do estado e a cidade de São Paulo; o subúrbio e as cidades interioranas do Rio de Janeiro, a exemplo de Campos e Niterói. A diversidade regional dos jogadores pode ser identificada pela incidência de atletas oriundos do Sul do Brasil, em particular o estado de Santa Catarina, e, no

Nordeste, aqueles provenientes de Pernambuco. Por estranho que pareça, nem o Norte nem o Centro-Oeste do país comparecem na geografia futebolística nacional.

Sendo assim, a primeira entrevista foi gravada em maio de 2011, com a filmagem do goleiro corintiano Luís Ramos, de apelido Cabeção, e a última, em novembro de 2012, com o meio-campista Roberto Rivellino, que participou das Copas de 1970, 1974 e 1978. Foram ao todo 54 atletas, entre titulares e reservas. Com uma média de duas horas de duração por depoimento, alcançou-se o total estimado de 120 horas de testemunhos, transcritos e editados.

Embora as entrevistas de história oral procurem a profundidade e a longa duração, isso nem sempre foi possível, quer seja por incompreensão dos depoentes, quer seja por falta de tempo. Por mais que as finalidades da pesquisa fossem explicitadas aos atletas, muitos ainda associavam a gravação de sua fala à de uma edição destinada para uma emissora de televisão ou para um jornal impresso.

Com efeito, o entrevistado preferia não se alongar na filmagem e abreviava passagens consideradas importantes pelos entrevistadores (infância, composição familiar, divisões de base etc.). A pregnância de tal imaginário midiático – no caso da filmagem, televisivo – é exemplificada na gravação do meia-armador Amarildo, que, durante a entrevista, acena para a câmara e envia saudações aos seus conterrâneos de Campos dos Goytacases que, segundo sua convicção, assistiriam àquela edição diretamente de suas casas.

Uma vez apresentado esse quadro geral do conjunto dos depoentes, listam-se a seguir os jogadores entrevistados e aqueles que ficaram por ser entrevistados. Considera-se, para tanto, o número de jogadores e as entrevistas realizadas.

Eis o apanhado geral:

Quadro 1 – Jogadores entrevistados

<i>8 Copas: de 1954 a 1982</i>
122 jogadores convocados
34 jogadores falecidos
4 jogadores impossibilitados de ceder entrevistas (motivos de saúde)
5 jogadores que residem no exterior

<i>54 entrevistados in totum</i>		
1. Cabeção	19. Silva	37. César Maluco
2. Djalma Santos	20. Félix	38. Valdomiro
3. Índio	21. Piazza	39. Alfredo Mostarda
4. Pepe	22. Carlos Alberto Torres	40. Ademir da Guia
5. Zito	23. Marco Antônio	41. Mirandinha
6. Dino Sani	24. Roberto Miranda	42. Valdir Peres
7. Mengálvio	25. Ado	43. Nelinho
8. Jair da Costa	26. Baldocchi	44. Oscar
9. Coutinho	27. Joel Camargo	45. Edinho
10. Amarildo	28. Dadá	46. Carlos Gallo
11. Jair Marinho	29. Zé Maria	47. Reinaldo
12. Altair	30. Leão	48. Zico
13. Edu	31. Tostão	49. Pollozi
14. Paraná	32. Rivellino	50. Junior
15. Lima	33. Renato	51. Luizinho
16. Gérson	34. Marinho Peres	52. Falcão
17. Tostão	35. Marinho Chagas	53. Paulo Isidoro
18. Fidélis	36. Leivinha	54. Juninho Fonseca
<i>25 jogadores por entrevistar</i>		
1. Pelé	10. Carpegiani	18. Carlos Renato Frederico
2. Zagallo	11. Toninho Cerezo	19. Roberto Dinamite
3. De Sordi	12. Batista	20. Leandro
4. Paulo Henrique	13. Rodrigues Neto	21. Paulo Sérgio
5. Denílson	14. Zé Sergio	22. Pedrinho
6. Alcindo	15. Abel	23. Serginho Chulapa
7. Jairzinho	16. Gil	24. Éder
8. Clodoaldo	17. Amaral	25. Edevaldo
9. PC Caju		

Pode-se observar ainda que, a cada torneio, disposto em ordem diacrônica, o número de depoimentos aumentou. Com apenas três entrevistados da Copa de 1954, atingiu-se o pico nas Copas de 1970 e 1974, com 15 e 17 gravações, respectivamente. Como é possível depreender da listagem

acima, alguns dos jogadores que não concederam entrevistas têm um elevado capital futebolístico, simbólico e/ou social (Pelé, Zagalo, Brito, Paulo César Caju). Foram, por isso, bastante assediados desde o encerramento das suas carreiras pelos jornalistas ou constituíram alvo de escândalos midiáticos acerca de suas vidas privadas (dependência química, casamentos, separações, entre outros).

A confecção do roteiro e a gravação das entrevistas

*Esquecer ou lembrar não é uma escolha;
a memória é um fato social.*

(Novais, 2011, p. 411)

Uma das primeiras atividades realizadas foi a definição do roteiro de entrevista, evidentemente um passo estratégico da pesquisa. Com base nele, a elaboração e a formulação das questões que norteavam a preocupação central poderiam vir a ser estruturadas.

O delineamento de um guia geral de perguntas procurou seguir a tradição metodológica da experiência do CPDOC, empregada no âmbito da história oral. Para tanto, adotou-se o método das histórias de vida, em que o roteiro é montado de modo a permitir um mínimo encadeamento cronológico na rememoração dos fatos. Longe de ser uma camisa de força, o que seria um contrassenso metodológico, a biografia do entrevistado é percorrida deixando-se o próprio à vontade para recontar suas recordações segundo seu fluxo de memória.

A estrutura das histórias biográficas, acionadas retrospectivamente, foi combinada ao formato de uma entrevista de cunho temático, uma vez que o foco da pesquisa tinha por tema a rememoração da participação dos futebolistas nas Copas do Mundo. Destarte, o torneio seria alvejado, mas observado sem miopia, por assim dizer, em uma visão macroscópica mais abrangente, o que permitia situar melhor o significado daquela experiência na trajetória existencial do entrevistado.

Para a confecção do roteiro, seguiu-se o postulado do historiador José Carlos Sebe Bom Meihy (2000, p. 62): “Nas entrevistas de história oral de vida, as perguntas devem ser amplas, sempre postas em grandes blocos, de forma a indicar os grandes acontecimentos”.

O roteiro foi aplicado em consonância com um segundo modelo de questão, direcionado especificamente para cada um dos entrevistados selecionados. O itinerário das perguntas também se baseou em um padrão preexistente no CPDOC e procurou estipular três tipos de informação recorrentes. Na vertical, temos três variáveis: 1) ano; 2) dados informativos da conjuntura histórica; 3) informações biográficas do entrevistado. Na horizontal, as lacunas são preenchidas segundo cada jogador.

Uma tabela com informações, padronizada e adotada de maneira sistemática em todas as entrevistas, consistiu em uma das principais atividades de investigação por parte dos estagiários, responsáveis pela captação de informações disponíveis sobre os atletas, nas mais variadas fontes (livros, revistas, jornais, sites, DVDs etc.). Seu tamanho médio girou em torno de 25 laudas, mas variava, para mais ou para menos, conforme a projeção do atleta durante a carreira ou após o seu encerramento.

O roteiro e a tabela afiguraram-se muito importantes, pois serviram de base para que os entrevistadores pudessem preparar-se para a entrevista e se sentissem aptos a conduzi-la no dia da gravação, munidos de dados histórico-biográficos capazes de ir além do já previamente consabido. A demonstração do conhecimento prévio da vida do atleta surtiu o efeito desejado em muitas entrevistas.

O fato de os entrevistadores saberem sobre o percurso do entrevistado favoreceu sobremaneira a valorização deste no ato da concessão da entrevista. Muitos jogadores, de antemão cautelosos, foram se soltando à medida que perceberam estar diante de formuladores de questões e com conhecimento de fato da sua trajetória. Ante a competência para fazer perguntas e o saber ocultar-se e revelar-se dos entrevistadores, o entrevistado Falcão, por exemplo, foi um dos que mudaram nitidamente de postura entre o início e o fim do depoimento.

Em história oral, sabe-se que há um elemento imponderável no momento presencial da entrevista. Nenhum roteiro, por mais completo que seja, é capaz de contornar essa imponderabilidade constitutiva da interface entrevistador/entrevistado.

Se a preparação é um requisito fundamental e indispensável para o êxito de um bom depoimento, deve-se considerar a importância crucial da interação entre o que fala e o que escuta no ato mesmo do registro. Na mesma proporção, mencione-se a importância atribuída por um etnógrafo em campo, ao tratar da relação pesquisador/informante, com vistas a chegar a uma antropologia hermenêutica de seus nativos.

A historiadora Ângela de Castro Gomes aponta como especificidade da história oral a resultante emocional de que é produto um documento derivado de entrevista:

[...] os documentos orais produzidos através de entrevistas exigem do pesquisador um nível de envolvimento distinto. Ele participa neste caso de construção do documento-relato, não só na medida em que propõe questões como também na medida em que compartilha as emoções despertadas no entrevistado pela rememoração de sua vida. Aí reside, a meu ver, uma das grandes contribuições das entrevistas orais: elas obrigam o pesquisador a uma forte interação com seu objeto de estudo, enriquecendo-o com uma nova sensibilidade. [...] o valor fundamental de um depoimento oral não reside tanto na produção de informações novas e substantivas. Na verdade, quase sempre ocorre uma convergência básica com os dados e as interpretações contidas nos documentos escritos. A informação nova trazida pelo depoimento oral está na forma pela qual o relato dimensiona e faz emergirem os acontecimentos, dando contextualidade às opções tomadas e novas cores aos perfis de personagens muitas vezes conhecidas. (Gomes, 1988, p. 8).

De posse do roteiro, e ciente dos interstícios de toda relação dialógica contida numa entrevista de história oral, passa-se às etapas seguintes, quais sejam o agendamento e a gravação da entrevista, por meio de contato telefônico ou através de intermediários (clubes, amigos, parentes, jornalistas), situações irregulares que oscilaram de jogador a jogador, de Copa a Copa.

Por sua vez, à preparação do roteiro, às cautelas metodológicas, ao agendamento e à gravação, sucederam-se as etapas posteriores da entrevista, com a transcrição, a edição e a organização do material gravado.

No que tange à edição, os editores e supervisores tiveram a responsabilidade de transpor para a linguagem escrita elementos singulares da fala coloquial e da oralidade. A técnica da história oral valoriza sobremaneira esse momento, na medida em que essa passagem fixará no plano gráfico a experiência narrada pela voz e pela dicção do jogador.

Junto a isso, o trabalho de guarda, reprodução e preservação dos documentos sonoros, audiovisuais e textuais também foi realizado nessa etapa de finalização. A estrutura tripartite dos depoimentos – pré-entrevista/entrevista/pós-entrevista – demandou assim um contínuo de atividades interdependentes.

Rendimentos analíticos: a trajetória dos atletas e o encerramento da carreira

A proposta do projeto passa, portanto, pela expectativa de que o acervo produzido possa vir a ser trabalhado à luz de diferentes recortes temáticos, e que, em suas potencialidades exegéticas, ajude a iluminar questões importantes, quer da história do futebol e da sociedade em geral, quer das trajetórias individuais dos jogadores em uma perspectiva comparada.

A fim de ilustrar tão somente uma possibilidade, entre as inúmeras possíveis, basta pontuar, na entrevista, a questão do encerramento da carreira do atleta. Neste caso, a faculdade de conversão do *status* de ídolo esportivo para a condição de treinador foi recorrente na pesquisa. Ela envolveu uma experiência que *grosso modo* apenas se verificou incidentalmente na trajetória de jogador: a passagem por um circuito internacional de clubes.

Enquanto a maioria optou por converter-se à condição de técnico de futebol, o que incluía uma rota de países distantes e exóticos, como os situados no Oriente Médio, outros ex-jogadores, em menor escala, fizeram escolhas heteróclitas: dirigir escolinhas de futebol no interior do país ou na cidade de origem (Paulo Isidoro e Djalma Santos); ingressar na política, com a concorrência em pleitos eleitorais para o Legislativo (Reinaldo, Luizinho, Carlos Alberto Torres, Ademir da Guia); tornar-se apresentador de rádio e ou de TV (Gérson, Falcão); dedicar-se à vida de cronista na grande imprensa (Tostão).

A preocupação em permitir a análise de pontos ainda não abordados pelos estudos tradicionais sobre o tema resultou numa delimitação mais precisa do universo de entrevistados (1954-1982). Tal universo propiciou o refinamento de um conjunto de questões que configuram uma abordagem específica acerca da história do futebol no Brasil.

O privilégio dado aos atletas que conquistaram o campeonato mundial recorta decerto um segmento de personagens bem restrito, se se considera o vasto conjunto de profissionais envolvidos nas atividades cotidianas do futebol. Mesmo quando se opera com esse filtro seletivo, através da observação das relações específicas estabelecidas no campo das práticas esportivas, ao longo de diferentes temporalidades, é factível a composição de um conhecimento rigoroso acerca de alguns conceitos centrais, capazes de sustentar tais possibilidades interpretativas.

É possível discutir as noções de segmentação e hierarquia no interior do campo esportivo. Conquanto o critério adotado para a seleção dos depoentes possa fazer transparecer uma certa objetividade associada a esse padrão seletivo, é importante ressaltar que os elementos que articulam essa delimitação (Seleção Brasileira, Copa do Mundo) são produções construídas a partir das práticas sociais constitutivas do campo.

Portanto, tais critérios podem ser encarados como objetos da reflexão e da pesquisa social. Para tanto, é fundamental a percepção desses elementos em uma perspectiva diacrônica, qual seja a busca pela compreensão dos diferentes significados que tais elementos vieram a assumir ao longo do tempo. Se hoje é possível atribuir reputação e notoriedade a um atleta nacional de futebol, deve-se estar ciente de que tal valor atribuído não estava constituído nos mesmos termos durante as décadas de 1930 ou 1950.

Um exemplo inequívoco pode ser buscado no depoimento do jogador Amarildo, cujo pai, Amaro Silveira, tomara parte em diferentes formações do selecionado brasileiro na década de 1930. Para Amarildo, a convocação e a participação do pai na Seleção não interferiram significativamente nos rumos de sua carreira esportiva. Amaro continuou a jogar no Goytacaz, modesto time da cidade de Campos, região norte fluminense, e teve de exercer uma gama de outras atividades laborais para dar sustento à família.

Para Amarildo, a participação no selecionado campeão mundial em 1962 e a sua transformação em personagem literário-jornalístico – recebeu de Nelson Rodrigues a alcunha de “o possesso”, depois dos jogos no Chile – condicionaram os rumos futuros de sua carreira: uma longa inserção no futebol italiano, a conversão a treinador, o casamento com uma estrangeira, a fluência em língua estrangeira e o *status* de atleta internacional.

A comparação poderia ser estendida à passagem geracional que une e separa Domingos da Guia e seu filho, Ademir, conforme se viu acima. Ainda que não entrevistado no projeto, a relação de Pelé com o pai, um jogador impedido de prosseguir na carreira por conta de uma contusão, poderia ser considerada ilustrativa nessa linha de raciocínio (Toledo, 2004).

Dessa forma, percebe-se que o sentido distintivo configurado a partir da presença em um selecionado nacional veio a se constituir a partir de alterações operadas em nível societário e desportivo. Na atualidade, tal distinção rende o debate acalorado entre os próprios campeões mundiais sobre se deveriam aceitar ou não benesses de aposentadoria oferecidas pelo Estado em razão dos feitos de outrora, conforme outorgado pelo governo

federal, na segunda gestão de Lula (2006-2010), após o anúncio de que o Brasil sediaria a Copa.

Para além de polémicas circunstanciais, importa aqui compreender como os diferentes atores configuram essas hierarquizações e as práticas sociais ao longo do tempo, de modo a observar a maneira pela qual os elementos orientadores da ação social são internalizados e repercutidos pelos diferentes personagens.

A compreensão das diferentes lógicas que orientam as práticas no interior do campo pode ser alcançada através da observação das histórias de vida recompostas no curso desta pesquisa. A análise dos padrões de atividade, da conformação das carreiras e das opções exercidas pelos personagens compreende os fatores estruturantes do campo. A especificidade de uma sociologia das profissões aplicada ao futebol,¹ mediante a consideração das diferentes ambiências institucionais e os graus de interação entre as agências (clubes, federações, imprensa), é um desses componentes estruturais.

Pode-se observar de que maneira a gradativa institucionalização dos clubes e da Seleção – o desmembramento da CBD em CBF – norteou as práticas e a estruturação do campo desportivo (Sarmiento, 2006). Esse movimento, no entanto, não seguiu um fluxo contínuo. Ele indica, de forma surpreendente, o convívio entre *locus* de especialização/profissionalização e as instâncias amadoras de organização do “futebol de espetáculo” (Damo, 2007).

Diante desse cenário, foi possível constatar como alguns personagens transitaram entre o ambiente da “várzea” (de baixa institucionalização) e a matriz espetacularizada. Podem com isso, inclusive, não realizar uma transição definitiva entre esses dois universos. Nos depoimentos de Mengálvio, Joel Camargo e Paraná, por exemplo, percebemos como os jogadores se iniciavam em ambientes de baixa institucionalização (sem estrutura material, sem vínculos formais, sem organização do tempo entre as atividades cotidianas de treinamento) e percebiam, ao ingressar nos clubes formalizados, o contraste entre esses dois universos: hierarquia de categorias, prevalência das figuras do diretor e do treinador, ambiente de influências sociopolíticas etc.

Em certos casos, os jogadores mantinham suas inserções nos espaços formais e não formais de prática desportiva. Garrincha, jogador profissional dos quadros do Botafogo de Futebol e Regatas, disputava o torneio amador das

1 A discussão foi encetada, de maneira pioneira, por Ricardo Benzaquen de Araújo (1981), em sua dissertação de mestrado intitulada *Os gênios da pelota: um estudo do futebol como profissão*.

equipes da região de Magé, quando regressava ao vilarejo natal de Pau Grande, conforme sugere o registro fílmico de Joaquim Pedro de Andrade, em 1963.

Em alguns domingos, segundo relatavam João Saldanha, Paulo Mendes Campos e, mais tarde, Rui Castro, Garrincha saía da concentração para disputar partidas amadoras e retornava a tempo de jogar uma partida oficial pelo clube ao qual era oficialmente filiado.

Índio, já campeão estadual pelo Flamengo e tendo disputado uma Copa do Mundo (1954), costumava se apresentar para jogar partidas por times amadores da região do subúrbio da Leopoldina, no Rio de Janeiro, corroborando o suposto sentido lúdico dessa prática. Para além do anedotário de cunho folclorizante, essas ocorrências sublinham como o processo de especialização/institucionalização configurou zonas de interseção que, ao longo do tempo, terminaram por ser suplantadas pela hierarquia do modelo profissional confederação/federação/clube.

A legitimação dos clubes de futebol, através do processo de reconhecimento e filiação às federações, aliou-se à prevalência do modelo de profissionalização. Este contribuiu para o estabelecimento de uma hierarquia piramidal que atrelava e subsumia as entidades desportivas ao CND, desde seu surgimento em 1941. Em termos bourdieusianos, a hierarquização foi reiteradamente incorporada às práticas dos agentes inseridos no campo.

Em diversos depoimentos, foi possível observar como os jogadores de futebol eram submetidos a uma socialização nas novas práticas e nos rituais de alto rendimento que caracterizavam o ambiente do clube. Basta tão somente apontar o caso de Zico, nos anos 1970, já sob o impacto das técnicas adotadas pela educação física na conformação do preparo atlético e do tônus muscular que alterava a fisionomia e a anatomia dos jogadores.

A inserção nos alojamentos, a disciplina dos horários de treinamento, o convívio com os jogadores do time principal, as relações com os treinadores e médicos, todos esses procedimentos, em conjunto, demarcavam as fronteiras e buscavam o estabelecimento de uma postura que reconhecesse no futebol uma profissão, com códigos estáveis e com ações previsíveis.

Em alguns depoimentos, percebe-se de que modo a relação com o massagista e/ou com o departamento médico era eivada de conflitos, como nos casos das contusões de Pepe, na Copa de 1958, e de Coutinho, na de 1962. Reinaldo, entrevistado da Copa de 1978, foi outro que frisou ter sido prejudicado pelo estágio de conhecimento técnico dos problemas médicos enfrentados em seu tempo.

Afora as lesões, a prática das punições operava um papel pedagógico e procedia à filtragem dos elementos admitidos no campo. Há registros de brigas na concentração, contestações ao veto de sexo, violação de proibições de fumo ou consumo de álcool e mesmo desentendimentos diretos com treinadores. Em todas essas situações, os depoimentos indicam que, independentemente do grau de punição – demissão, suspensão, reclusão –, havia, da parte dos jovens admitidos nos clubes para a prática do futebol profissional, o reconhecimento de um conjunto de regras como definidoras da ação dos indivíduos.

Mesmo para aqueles que renegaram, inicialmente, a submissão a essa regulação, fica evidente que o estigma e a marginalização constituíam empecilhos intransponíveis para a construção de uma possível carreira no futebol. Dessa forma, a institucionalização passa a prevalecer como forma predominante no campo e dita os parâmetros norteadores da prática e das relações estabelecidas entre os jogadores e os demais agentes.

A par dos marcos de institucionalização, rotinização, autonomização e hierarquização, é lícito reconstituir parte do processo de configuração da prática do futebol no Brasil, desde meados do século XX. Fica evidente que funções específicas passam a ser desempenhadas, instituições passam a auferir legitimidade e alguns atores vêm a exercer atividades cada vez mais especializadas.

Se, por um lado, tem-se instituições como federações, tribunais, associações classistas em estruturação, por outro, se vê o crescimento de importância dos papéis de fisiologista, fisioterapeuta, psicólogo, jornalista esportivo e assessor de imprensa. Alguns depoentes, nesse sentido, mencionam a submissão pela primeira vez a exame clínico no espaço do clube, e em conformidade com as obrigatoriedades estabelecidas pela instituição.

Embora esse não tenha sido de início o tema explorado, acredita-se ser necessário investigar com maior atenção o papel desempenhado pela imprensa na configuração do campo desportivo no Brasil. É perceptível, em algumas entrevistas, o reconhecimento, demonstrado pelos jogadores, do papel da imprensa como fomentadora/articuladora das relações torcida-clube, da imagem estabelecida em torno do selecionado nacional e da definição de formas de compreensão das diferentes funções exercidas no interior do campo.

Por fim, consideram-se relevantes as indicações acerca do processo de legitimação da Copa do Mundo como evento central nas relações estabelecidas em torno da Seleção Brasil. À medida que esse evento cresce e se monumentaliza,

decrecem em importância, ou se tornam subsidiários, torneios outrora relevantes, tais como a Copa Roca, a Copa Rio Branco ou o Campeonato Sul-Americano, que foi substituído pela Copa América em 1975.

A construção institucional da Seleção, bem como a sua gradativa legitimação simbólica, passou a operar uma dinâmica específica no conjunto de relações que permeiam as práticas de jogadores, clubes, federações e imprensa. A temática demarca uma maior pertinência no discurso dos atletas da geração pós-1960, dado o papel fulcral exercido, em contraste, pela derrota de 1950, seguida pelo título mundial de 1958. Procurou-se investigar, nesta geração redentora do *maracanazo*, a constituição da autoimagem dos selecionados e a redefinição de seu status específico, quando o conjunto de práticas se altera de modo substantivo no decorrer das décadas.

O futebolista Ademir da Guia: entre biografia e memória

[...] todo processo de construção de uma identidade coletiva é realizado pelo entrelaçamento de propostas que competem entre si, mas que também podem se tornar complementares em múltiplas circunstâncias.

(Gomes, 1988, p. 9)

Esta última seção do presente artigo deter-se-á em um caso específico, focalizando Ademir da Guia, um dos jogadores por assim dizer “legendário”, que participou da Copa de 1974. O qualificativo *legendário* tem duas razões principais. Primeiro porque se trata de um atleta que é filho de outra “legenda” do memorialismo esportivo e da história futebolística, Domingos Antônio da Guia, zagueiro de origem negra que atuou na Copa de 1938, muito citado quando se fala do advento do profissionalismo no futebol. Da Guia foi alvo de intensas citações de jornalistas esportivos e de intelectuais que refletiram sobre a criação de um “estilo de jogo” originalmente brasileiro, estilo este que é a fragmentação de um processo de universalização, nas palavras de Toledo, baseado na mescla racial, no improviso e na individualidade.

A título de ilustração, lembre-se que o sociólogo pernambucano Gilberto Freyre, nos anos 1940, chamava o pai de Ademir da Guia de “apolíneo”, por ser um defensor ativo, contido, capaz de sair da defesa driblando, sem dar um chute de modo grosseiro ou precipitado. Devido a essa característica, com

base em seu sobrenome, foi criada a expressão “domingada”, ato de conduzir a bola, com classe, de dentro da grande área até a ligação com o meio de campo.

Tal estilo contrastava, segundo Freyre, com o do atacante Leônidas da Silva, ídolo mais irascível, por tal razão alcunhado “dionisíaco”. O sociólogo, prefaciador do livro *O negro no futebol brasileiro* (1947), do jornalista Mario Filho, se valia ainda da comparação com o mundo literário e equiparava Domingos da Guia a um “Machado de Assis do futebol”, espécie de “inglês desgarrado em terras tropicais” (Rodrigues Filho, 2003, p. 25).

Em segundo lugar, a imagem lendária se deve ao fato de o próprio Ademir, alcunhado pela imprensa de “Divino Mestre”, ter sido um jogador de grande destaque entre as décadas de 1960 e 1970, um dos expoentes da Academia do Palmeiras. A isso soma-se a incorporação de parte do estilo de jogo ativo do pai – corpo esguio, cabeça ereta ao conduzir a bola –, ainda que sua posição tenha sido no meio de campo e não na zaga defensora.

Ainda a respeito da “classe” do pai de Ademir, o escritor José Lins do Rego debatia sobre o assunto em uma de suas crônicas, publicada em livro em 1945, dois anos antes do prefácio de Gilberto Freyre a *O negro no futebol brasileiro*. Ao reproduzir uma conversa ouvida entre dois torcedores, o literato finalizava seu texto com a conclusão de que o equilíbrio de Apolo derivava não só da categoria e da habilidade, como também da disposição para correr e vencer:

Ouviu-se um grito tremendo de todo o estádio. Era Domingos que fazia uma tirada como um toureiro que matasse um touro bravo. ‘Este tem classe’, disse o primeiro negro. ‘É, mas tem fôlego também’, disse o segundo negro. E aí estava todo o problema que eu e o poeta Schmidt debatíamos: Fôlego e Classe. (Lima, 2010, p. 38).

Quando profissional, Ademir atuou nas duas fases em que o time do Palmeiras tornou-se conhecido como a Academia. O nome fazia referência à habilidade e ao talento do conjunto do time, liderado pelo Divino, elenco de atletas que fez “escola” entre os clubes da época. À guisa de exemplo, veja-se o que afirma sobre Ademir um dicionário dedicado aos melhores jogadores sul-americanos do século XX: “Genial, de toque refinado, elegante, drible fácil, bons lançamentos e grande visão de jogo. Craque” (Henningsen, 2002, p. 10).

É importante ressaltar ainda que há menos registros, entre futebolistas, de famílias constituídas de jogadores, com a transmissão de pai para filho do

mesmo trabalho. Se, em profissões mais tradicionais, as linhagens familiares de médicos, engenheiros ou advogados se sucedem com o passar das gerações, o mesmo se repete com menos frequência no futebol.

As informações biográficas sobre o atleta permitiram ainda constatar que a relação não se restringiu ao duo Domingos-Ademir, mas a um núcleo familiar mais extenso, a envolver irmãos e tios que também foram jogadores de futebol.

Além da influência decisiva da família, o meio geográfico e industrial de nascimento exerceu algum nível de influência na trajetória de Ademir da Guia. Nascido e criado em Bangu, Zona Oeste do Rio de Janeiro, da Guia foi influenciado por uma região de origem operária, marca de uma das grandes matrizes difusoras da prática de futebol no Brasil, tal como estudada por Fátima Antunes (1994), ao lado dos clubes e das escolas. A fábrica, o bairro e o clube mesclam-se na construção da identidade local, superpondo-se ou amalgamando-se às histórias de vida dos moradores locais.

Em face desse preâmbulo, vale dizer que, logo no início do depoimento, o “homem” Ademir permitiu desconstruir as expectativas em torno do “mito” do Divino Mestre. O despojamento e a placidez do ex-jogador saltaram à vista desde o princípio da entrevista. O temperamento do jogador parecia avesso a qualquer tipo de idolatria, com respostas enxutas e simples, para não dizer monossilábicas, que revelavam a ausência de qualquer tipo de reverência ou autoexaltação.

Em um apanhado geral, observa-se que o relato enfatiza uma versão dos acontecimentos que procura “naturalizar” todos os fatos. Isto é, de acordo com as palavras do entrevistado, tudo parece ter acontecido de maneira “natural”, não devendo ser engrandecido nem supervalorizado em narrativas hiperbólicas. Se, em muitos dos depoimentos, o tom predominante era o das queixas e das reclamações, dirigidos aos “cartolas”, às comissões técnicas, à família, aos torcedores ou até mesmo ao “destino”, essa tônica esteve longe de acontecer com o depoente em questão.

Nesse sentido, ao contrário das expectativas iniciais, Ademir pouco fala do pai como um “mito”. A figura paterna é vista com admiração, sim, mas sem qualquer forma de “aura” ou grandiloquência. Perguntado pelas imagens “freyreanas” de Domingos, pouco é confirmado, ou diz simplesmente ignorar.

Quando um dos entrevistadores pergunta-lhe acerca de um depoimento prestado por Domingos da Guia ao Museu da Imagem e do Som (MIS) do Rio de Janeiro, Ademir diz não saber da sua existência. Sabe-se que nesse registro Domingos falava de como havia aprendido a driblar, imitando os passos do

miudinho, um “tipo de samba”. As relações entre música e futebol, tão decantadas por escritores e jornalistas, encontram um silêncio nas memórias de Ademir, que desconhece a alusão a tal estilo por assim dizer “malandro”.

A família de Ademir, no entanto, ocupa um lugar de proeminência no relato, haja vista que, diferentemente de outros atletas, o apoio para jogar sempre foi amplo, aberto e irrestrito. O bairro e o clube do Bangu têm um peso bastante relevante. Sobre o local, Ademir ressalta o calor intenso e inclemente que fazia quando lá morava. Acentua que, pela distância entre o subúrbio e as praias da Zona Sul do Rio, a única alternativa era ir à piscina que havia no clube. Era a opção de lazer de todos os banguenses. Assim se dava a primeira aproximação com o ambiente clubístico nas décadas de 1940 e 1950, numa linha de continuidade que ia da família ao clube.

Apesar da existência do clube, um lugar institucional e profissional ancorado na história do futebol carioca desde 1904, Ademir destaca os pequenos clubes amadores e os terrenos baldios como o seu espaço de iniciação. Ou seja, a porta de entrada no futebol não foi automaticamente mediada pelo clube operário. Em um primeiro momento, as possibilidades de ingresso no clube mais tradicional e homônimo de Bangu passam pela mediação do pai, prestigiado na região.

No relato, Ademir ainda se recorda da transferência do pai para o Corinthians Paulista, nos anos 1940, onde encerrou a carreira. Cita também o empresário Guilherme da Silveira, patrono do clube, conhecido como Silveirinha, mas pouco desenvolve.

De volta à cidade e ao bairro de origem, finda a carreira em São Paulo, Domingos apoia a entrada do filho nas divisões de base do Bangu. Depois de passar pela fase de testes e de ir ascendendo na hierarquia interna, Ademir começa a se firmar no clube próximo aos 14 anos de idade. Ao se destacar nos jogos contra os grandes times do Rio de Janeiro, chama a atenção dos demais para o seu futebol. Após cinco anos no clube alvirrubro da Zona Oeste, Ademir acaba acertando contrato com a Sociedade Esportiva Palmeiras em 1961, aos 19 anos, e dá início à projeção nacional que o levaria à Copa de 1974.

Eis, acima, apontamentos que exemplificam um dos modos de desmistificação do chamado “estilo nacional”, associado ao futebol, através da sucessão geracional de jogadores como Domingos e Ademir da Guia. Trata-se apenas de um exemplo que pode ser testado e verificado em cada uma das 54 entrevistas gravadas.

Conclusão

O presente artigo teve por objetivo relatar aspectos metodológicos da constituição de um banco de depoimentos orais de jogadores de futebol que participaram do selecionado brasileiro, em um total de oito edições de Copas do Mundo, entre 1954 e 1982. O mapeamento da participação brasileira em torneios internacionais compreendeu o registro e a análise das histórias de vida desse conjunto de protagonistas, com a gravação de 120 horas de entrevistas de caráter documental sobre a história esportiva nacional.

Gravadas no horizonte da Copa do Mundo no Brasil em 2014, as entrevistas tiveram como finalidade fornecer subsídios documentais para que se pudesse articular, em uma perspectiva crítica e diacrônica, a memória esportiva à memória coletiva e à história política do país durante os últimos oitenta anos. Os referidos depoimentos foram registrados, tratados e analisados por pesquisadores do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getulio Vargas, em parceria com técnicos e investigadores do Museu do Futebol, a fim de constituir um acervo comum a ambas as instituições.

A formação deste *corpus* documental permite que se registre e analise, conforme sugerido nas etapas acima expostas e escandidas – o conjunto dos depoentes, a confecção do roteiro, a gravação das entrevistas, o tratamento dos dados e os rendimentos analíticos, com considerações sobre as histórias de vida de alguns dos atletas entrevistados –, o testemunho de figuras centrais do futebol profissional brasileiro, em particular atletas que se tornaram figuras emblemáticas da chamada identidade nacional.

Referências

ALBERTI, Verena. *Manual de história oral*. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2013.

_____. *Vender história? A posição do CPDOC no mercado das memórias*. Rio de Janeiro: CPDOC, 1996.

ANTUNES, Fátima Martin Ferreira. O futebol nas fábricas. *Revista USP: Dossiê Futebol*, São Paulo, n. 22, p. 102-109, 1994.

ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. *Os gênios da pelota: um estudo do futebol como profissão*. 91 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Museu Nacional, Rio de Janeiro, RJ, 1981.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro, Ed. da FGV, 1996. p. 183-191.

DAMO, Arlei Sander. *Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França*. São Paulo: Aderaldo & Rithschild; Anpocs, 2007.

GOMES, Angela de Castro. *Velhos militantes: depoimentos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

GUEDES, Simoni Lahud. Subúrbio, celeiro de craques. In: DaMATTA, Roberto (Org.). *Universo do futebol*. Rio de Janeiro: Edições Pinakoteque, 1982. p. 59-74.

HENNINGSSEN, Hans. *Os melhores jogadores do século XX*. Rio de Janeiro: Edição do autor, 2002.

LEITE LOPES, José Sérgio. Considerações em torno do profissionalismo no futebol a partir da observação da Copa de 1998. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 23, 1999. Dossiê Esporte & Lazer.

LIMA, João Gabriel de (Org.). *Literatura & futebol*. São Paulo: Abril, 2010.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de história oral*. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

NOVAIS, Fernando. Entrevista. In: PRADO JR., Caio. *Formação do Brasil contemporâneo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 411-418.

RODRIGUES FILHO, Mário. *O negro no futebol brasileiro*. Prefácio de Gilberto Freyre. Rio de Janeiro: Mauad; Faperj, 2003.

SARMENTO, Carlos Eduardo. *A regra do jogo: uma história institucional da CBF*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006.

TODOROV, Tzvetan. *Los abusos de la memoria*. Barcelona: Ediciones Paidós América, 2000.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Pelé: os mil corpos de um Rei. In: OLIVEIRA, José; GARGANTA, Júlio; MURAD, Maurício. *Futebol de muitas cores e sabores: reflexões em torno do desporto mais popular do mundo*. Porto: Campo das Letras, 2004. p. 147-166.

Resumo: O artigo tem por objetivo relatar aspectos da constituição de depoimentos orais com jogadores de futebol que participaram do selecionado brasileiro, em um total de oito edições de Copas do Mundo, entre 1954 e 1982. O mapeamento da participação brasileira em torneios internacionais compreendeu o registro das histórias de vida desse conjunto de protagonistas, com a gravação de 120 horas de entrevistas sobre a história esportiva nacional. A finalidade foi fornecer subsídios documentais para que se pudesse articular, em perspectiva diacrônica, a memória

esportiva à memória coletiva do país, entre os anos 1950 e 1980. Os referidos depoimentos foram desenvolvidos por pesquisadores do CPDOC, em parceria com investigadores do Museu do Futebol. A formação deste *corpus* documental permitiu que se registrasse e analisasse o relato de figuras centrais do futebol profissional brasileiro, em particular atletas que se tornaram figuras emblemáticas da chamada identidade nacional.

Palavras-chave: futebol, memória, relatos orais, Copas do Mundo.

Football, memory and social accounts: the trajectory of former players of the Brazilian national team and memory-based narratives of World Cups from 1954 to 1982

Abstract: This article describes aspects of the constitution of oral testimonials given by football players from the Brazilian national team in eight World Cups from 1954 to 1982. The mapping of Brazilian participation in international competitions included recording the life histories of that group of leading actors in 120 hours of interviews about Brazil's sport history. The purpose was to provide documentary information in order to relate Brazil's sports memory and collective memory from a diachronic perspective. The aforementioned testimonials were collected by CPDOC researchers in a partnership with investigators from the Football Museum (Museu do Futebol). The construction of this documentary corpus allowed recording and analyzing the accounts provided by central characters of the Brazilian professional football, especially those athletes who became emblematic for the country's identity.

Keywords: football, memory, oral accounts, World Cups.

Recebido em 06/10/2016

Aprovado em 12/04/2017